

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
16 e 26 de Maio de 2025

LITTLE BIG SHOT / 1935

Um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / Argumento: Jerry Wald, Julius J. Epstein e Robert Hardy Andrews, baseado numa história de Harrison Jacobs / Direcção de Fotografia: Tony Gaudio e (não creditado) Byron Haskin / Direcção Artística: Hugh Reticker / Guarda-Roupa: Orry-Kelly / Música: Heinz Roemheld e Leo Forbstein / Montagem: Jack Killifer / Interpretação: Sybil Jason (Gloria), Glenda Farrell (Jean), Edward Everett Horton (Mortimer), Robert Armstrong (Steve), Jack LaRue (Doré), Arthur Vinton (Kell), J. Carrol Naish (Bert), Edgar Kennedy (Onderdonk), Addison Richards (Hank Gibbs), Joe Sawyer (esbirro de Doré), Emma Dunn (matrona do orfanato), Ward Bond (esbirro de Kell), etc.

Produção: Warner Brothers / Produtor: Samuel Bischoff / Cópia: 35 mm, preto e branco falada em inglês e legendada electronicamente em português / Duração: 78 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Little Big Shot é um mais um filme que serve bem para ilustrar o que era a vida de um cineasta de estúdio, rápido, competente e com bicho-carpinteiro, na Hollywood dos anos 30. Foi o quarto dos sete filmes dirigidos por Curtiz na Warner em 1935, numa altura em que já estava decidido que era ele que ia realizar **Captain Blood**, projecto que nada tinha de rotineiro e era mesmo a grande aposta do estúdio, em termos de espectáculo escapista, para esse ano de 1935. Mas a produção de **Captain Blood** atrasou-se e, enquanto esperava que estivesse tudo pronto, Curtiz, que não conseguia estar parado, atirou-se à realização de **Little Big Shot**, um filme absolutamente rotineiro que tinha como principal objectivo a promoção de uma rival para Shirley Temple, uma criança de origem sul-africana que tinha então oito anos de idade, Sybil Jason. Nessa perspectiva, diga-se, o filme foi um fracasso, Jason não caiu no goto do público (diz-se que o seu sotaque tornava difícil os espectadores perceberem os seus diálogos), e no fim da década desapareceu completamente do cinema, depois de uma “carreira” que durou dos 7 aos 13 anos de idade.

Presumivelmente por essa razão – é bem possível que o argumento tenha sido “deturpado” para destacar o papel da criança – o filme é, em termos de género”, uma estranha misturada. Comédia (principalmente a cargo de Edward Everett Horton, igual a si próprio), filme de “gangsters” (de resto, uma especialidade da Warner), melodrama de criança órfã, abandonada (que no entanto revela precoces dotes para o music hall, sendo capaz de cantar e de imitar várias celeberrimas estrelas da época).

A mistura da aspereza realista, que era um predicado do estúdio naquela época (atenção a **Black Fury**, filme do ano anterior, 1934, também dirigido por Curtiz e incluído neste ciclo), com os toques de infantilismo delicado que norteiam a atenção dada a Jason,

resulta desprovida de alguma magia alquímica especial, quase como se os elementos, em vez de se mesclarem, se anulassem, ou descredibilizassem, uns aos outros. E no entanto, Curtiz (ver por exemplo logo plano-sequência inicial, um movimento de câmara bastante sofisticado numa rua de Manhattan) até é capaz, nalguns momentos, de lhe injectar uma energia digna desse nome – só que, infelizmente, são demasiado poucos, como se o filme fosse desistindo, também, de alguma ambição especial, e se conformasse com a natureza rotineira do empreendimento. Vale a solidez dos valores de produção, valem os actores, de Horton à eternamente subestimada Glenda Farrell (que muitos anos mais tarde, nos anos já nos anos 50, Frank Tashlin redescobriria como formidável actriz de comédia, em **Susan Slept Here** ou em **The Disorderly Orderly**), vale a ocasional irrupção desse realismo ao nível da rua e da “verdadeira vida”. Para melhor e para o pior, o filme é um documento dos registos e desígnios de produção do cinema americano (e especificamente, da Warner Brothers) em meados da década de 1930.

Luís Miguel Oliveira